

LIDERADOS POR RAPARIGAS  
**Nascem nos bairros  
núcleos de pesquisa social**

Notícias, Sociedade, 12.10.2017, pág 05, ed 30.176

**EVELINA MUCHANGA**

**Identificar alguns problemas sociais, as causas, as consequências e propor soluções passou a ser a ocupação de raparigas que se identificam como potenciais pesquisadoras sociais.**



Alta Comissária Joanna Kuenssberg falando sobre os desafios para o bem-estar da rapariga



Muitas iniciaram a actividade "na brincadeira", partindo de um convite que lhes foi endereçado para participar num "foto-voice" nos bairros suburbanos da cidade de Maputo.

"Era uma forma de nos divertirmos. Tirávamos fotos e tínhamos que explicar o porquê da escolha. Com o tempo, fomos percebendo a importância das imagens", explicou Celeste Vilanculos, 20 anos.

Durante o processo, as jovens mulheres aprenderam habilidades de pesquisa, como identificar os principais problemas do bairro e, junto das comunidades e famílias, buscarem as soluções.

"Aprendi a fotografar, a usar o computador, preencher e analisar os dados. Vou retomar a escola para em breve fazer um curso superior para enriquecer os meus conhecimentos nesta área", disse Celeste que tem em falta duas disciplinas para concluir o nível médio.

Celeste responsabiliza-se pela avó e duas irmãs com quem vive no bairro do Chamanculo, cidade de Maputo. O que a motiva "é ter um sonho e começar a trabalhar para concretizá-lo".

Esta é a filosofia do Programa Muva, financiado pelo Departamento Britânico para o Desenvolvimento Internacional (DFID) em 14 milhões de libras esterlinas. Está a ser implementado nas cidades de Maputo e Beira, desde o ano passado, e vai correr até 2021 com o intuito de assegurar um futuro melhor a jovens mulheres testando diferentes abordagens para eliminar as barreiras que impedem esta camada social de aceder ao emprego digno.

A ideia do Muva é trazer projectos inovadores que ajudam as raparigas a prepararem-se para o mundo do trabalho, com a confiança e visão de que necessitam para o emprego e encontrarem soluções alternativas ligadas às suas habilidades.

"As mulheres realizam actividades menos remuneradas em relação aos homens. As mulheres têm menor probabilidade de ter uma conta bancária ou um telemóvel", observou Joanna Kuensberg, Alta Comissária Britânica em Moçambique, falando no âmbito do anúncio do Dia Internacional da Rapariga que ontem se assinalou.

Recordou ainda os desafios que o país tem pela frente para garantir o cumprimento dos direitos humanos das raparigas e mulheres, como resultado de alguns problemas sociais que

ainda prevalecem na sociedade moçambicana a exemplo de casamentos prematuros, gravidezes precoces, a violência doméstica e a desistência escolar.

"Aqui em Moçambique, todos são conscientes da dimensão do desafio. Cerca de uma em cada duas mulheres casa-se antes dos 18 anos; uma em cada três mulheres já sofreu algum tipo de violência doméstica e apenas um terço das raparigas conclui o ensino primário", enfatizou.



Cândida da Conceição

## JOVENS SEM HORIZONTE

Entre as várias histórias assistidas por Cândida da Conceição, 28 anos, o que mais a chamou atenção é o drama vivido por alguns adolescentes consumidores de bebidas alcoólicas e drogas, assim como o caso de meninas expulsas da casa dos pais em casos de gravidez.

"Descobrimos que há muitos adolescentes que consomem drogas e desistem de ir à escola. Para alimentar os vícios roubam telefones celulares ou furtam coisas das suas casas. Dizem que a escola não lhes traz benefícios. Roubando conseguem dinheiro imediato. Eles assumem que roubam, bebem e se drogam para se sentirem parte do grupo de amigos e se não o fizerem sofrem "bullying", e tratados por matrecos. É por influência de amigos que muitos entram para este mundo", referiu a jovem, acrescentando que o mais triste é saber que os pais desistiram deles.

Entende que os pais, mais do que ninguém, devem lutar pelos seus filhos mesmo quando estes cometem erros condenados pela sociedade, pois é sentindo o apoio e voto de confiança destes que podem ter forças para sair do problema.

Disse que fala nestes termos por experiência própria, uma vez que quando engravidou da sua primeira filha ainda em idade escolar, a família, em particular o pai, condenou-a pela situação,

contabilidade. Activista, faz tempo, a jovem mulher conheceu o programa Muva na associação ASSCODECHA, do bairro onde reside. Vê neste programa uma janela de esperança para a juventude.

"Sempre soube que um dia a oportunidade de entrar no programa Muva valeria muito no futuro", referiu apontando que o seu maior sonho é de voltar à escola, arranjar um bom trabalho e, assim, ajudar a família.



Celeste Vilanculos

## MAIS CONFIANÇA E DETERMINAÇÃO

Aida Constâncio Nhassengo, 20 anos, é outra jovem que passou a fazer parte do Programa Muva a convite de uma amiga. Trabalha na pesquisa social há cerca de um ano e conta que aprendeu muito, sobretudo a ter mais autoconfiança.

"Aprendi a ter mais autoconfiança, a ser mais determinada e a falar em público sem receios", comemora.

Explicou que para chegar a esta etapa passou pela aprendizagem e formação sobre vários assuntos, tais como a pesquisa social e fotografia.

"Durante a formação gostei de perceber melhor alguns fenómenos sociais. Aprendi a saber agir e estar perante situações diferentes", acrescentou.

Aida reside no bairro de Chamanculo "C" com a mãe e quatro irmãos mais novos.

A mãe, que assume ser a sua maior inspiração, encorajou-a a participar e, desde essa altura,

abraçou este projecto de corpo e alma. Tem como sonho trabalhar na área de saúde e nutrição.

"Aprendi que não devemos ficar à espera de alcançar os nossos sonhos, temos que ir à luta para aquilo que queremos e abraçar as oportunidades que nos aparecem. É o que aconselho aos outros jovens. Por vezes perdemos porque esperamos ganhar de imediato. Há benefícios que aparecem à posteriori", aconselhou.